

MUTIRÃO *

MUTIRÃO — Tudo promete uma colheita farta e o sertanejo não poupa esforços no intuito de aumentá-la: seja no preparo do terreno, desde a derrubada da mata agreste, formando roçado novo, seja a segunda ou terceira planta (replanta) em capoeira batida, seja em terreno de vazante. Não lhe passa pela mente a vinda de outra séca.

Tão grande é a sua tarefa e tão poucos os seus recursos que êle a divide com os vizinhos, os compadres, os amigos: faz um mutirão. Todos se reúnem para levar de vencida a empreitada: o que um homem sozinho levaria muitas semanas para fazer será feito em poucos dias, nessa espécie de cooperativismo onde o trabalho será retribuído com o trabalho e diz muito bem que a união faz a força.

O machado tem "um palmo de bôca", sem nenhum "dente", bem afiado em "pedra mansa", corta mosquito no ar, para o caso de uma derrubada; esta começou tarde: não houve tempo bastante para que as árvores, as ramações, secassem e o roçado não queimou, — ficou sapecado, resultando, dêste primeiro insucesso, um acervo de coivaras que precisam ser feitas para desimpedir o terreno. Com isto, uma vez queimadas as coivaras — feitas com sacrifício, juntando bem os ciscos com ganchos de três pernas — centenas e centenas de manchas escuras devido às queimadas marcam a área do roçado à semelhança de uma pele ericada de eczemas, e onde a plantação cresce com mais viço.

A enxada, encaibrada a capricho, bem deitada, pesa 3 libras. O cabo tem quase duas vezes a altura de um homem e foi trazido do Morro Grande, depois de um dia de procura. É de "maria-mole", tão reto que parece uma vela. Foi assado ao fogo, antes de ser descascado, em tiras compridas que pareciam correias. Assim não rachará e resistirá muito mais ao tempo. Todos o invejam e êle — seu venturoso dono — conta, conta, com orgulho, desde a saída de casa para a sua obtenção e o seu cuidadoso preparo: uma história comprida e simples, contada num linguajar próprio, bem podia ser resumida em poucas palavras. E os outros o aplaudem e dão valor ao a:hado: não há dinheiro que pague!

Tem festa. E corre de bôca em bôca a sua fama, se a tem. Todos precisam saber o quanto ali se gastou, o quanto ali se divertiu. Sanfona de oito baixos, tôdas as noites, violas e desafios, "côcos" e bebidas. O melhor machadeiro, o melhor enxadeiro, são apontados com distinção e louvor. Os piores são alvos das críticas mais acerbas: ficam envergonhados quando se fala em mutirão.

Os mutirões crescem de importância segundo o volume da tarefa realizada, o número de homens empregados, dos gastos feitos, e da festa havida. Há os que marcam épocas e se tornam tradicionais. Os há, também, improvisados e extemporâneos: a cobertura de uma casa, a desmancha da mandioca, a quebra do milho, o corte do arroz, a apanha do algodão, a arranca do feijão.

Em nenhuma outra ocasião trabalha com mais ardor o sertanejo, com mais espontaneidade e com mais rendimento. Não importa que o seu trabalho não seja pago em dinheiro. O que importa é que êle tenha demonstrado o seu valor, não tenha ficado "atrás" na eito, "encurralado" ou "encoberto". Assim não será motivo de debiques nem chacotas e nem será desmerecido. Pode apresentar-se diante da mulher dos seus sonhos sem constrangimento algum, ao contrário: altaneiro e envaidecido, glosando os conceitos dos seus companheiros — no próximo mutirão lá estará com a fama conquistada, invejado pelos homens e admirado pelas mulheres...

ROSALVO FLORENTINO DE SOUSA

* O autor dêste trabalho é professor de Geografia do Brasil da Escola de Jornalismo "Casper Líbero", de São Paulo.



Rey